

revista
Liberdades

Revista *Liberdades*
nº 1 - maio-agosto de 2009



IBCCRIM



EXPEDIENTE

Instituto Brasileiro de Ciências Criminais

DIRETORIA DA GESTÃO 2009/2010

Presidente: Sérgio Mazina Martins

1º Vice-Presidente: Carlos Vico Mañas

2ª Vice-Presidente: Marta Cristina Cury Saad Gimenes

1ª Secretária: Juliana Garcia Belloque

2º Secretário: Cristiano Avila Maronna

1º Tesoureiro: Édson Luís Baldan

2º Tesoureiro: Ivan Martins Motta

CONSELHO CONSULTIVO:

Carina Quito, Carlos Alberto Pires Mendes, Marco Antonio Rodrigues Nahum, Sérgio Salomão Shecaira, Theodomiro Dias Neto

revista
Liberdades

Publicação do Departamento de Internet do IBCCRIM

DEPARTAMENTO DE INTERNET

Coordenador-chefe:

Luciano Anderson de Souza

Coordenadores-adjuntos:

João Paulo Orsini Martinelli

Luis Eduardo Crosselli

Regina Cirino Alves Ferreira

RESENHA

MUITO ALÉM DA PRISÃO

Alessandra Teixeira

Memórias de Um Sobrevivente

Companhia das Letras, São Paulo, 2001, 478p.

Autor: Luiz Alberto Mendes

Às Cegas

Companhia das Letras, São Paulo, 2005, 356p.

Autor: Luiz Alberto Mendes

A força de *Memórias de um sobrevivente*, publicado em 2001, quando seu autor Luiz Alberto Mendes ainda se encontrava preso, e de sua continuação *Às cegas*, publicado quatro anos depois, é sobretudo a força do depoimento. Tem ainda o mérito de desvendar a trajetória peculiar de um indivíduo que mesmo encerrado por mais de três décadas nos mais perversos ambientes institucionais, encontrou uma janela para o mundo *além* da prisão através da literatura, ressignificando assim seu percurso.

É nisto que reside a impossibilidade de descrevê-lo no gênero *literatura marginal*, supondo que não se trata de cunhar percursos, quaisquer que o sejam, e sobretudo este que aqui é retratado, de marginais. Se o universo sobre o crime e a maquinaria perversa e corruptível do Estado penal tem grande relevância neste livro, é porque opera como cenário, como pano de fundo de uma trajetória que de modo algum se confunde com ele. Aí cabe uma observação sobre este trabalho que o diferencia das biografias de detentos e ex-detentos cada vez mais freqüentes no mercado editorial nacional; aqui é todo um mundo social que emerge do testemunho do autor, e penetrar nele é também penetrar em capítulos sombrios da história de nosso país, de nossas instituições, e também de nossos processos políticos e históricos.

Luiz Alberto Mendes inicia seu relato no início dos anos 60 (em tempos deflagradamente autoritários), quando, com apenas 10 anos, foge pela primeira vez de sua casa, buscando livrar-se dos espancamentos sistemáticos promovidos por um pai alcoólatra, e fascinado pelas “luzes da cidade” que lhe prometiam a liberdade sem restrições. Seu primeiro contato com as forças de ordem e o aparelho institucional será então, já neste momento, o Juizado de Menores, local em que lhe serão apresentadas as peças da engrenagem de um sistema em cuja trama estará a partir de então recorrentemente ligado.



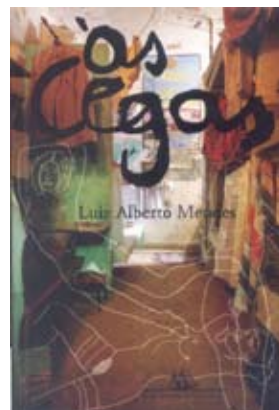
Daí até a maioria sua vida se resumirá num ciclo de furtos, pequenos roubos, o invencível esquema de extorsão da polícia, e o recolhimento no brutal RPM – Recolhimento Provisório de Menores. É neste local que o autor testemunhará toda a sorte de perversões de um sistema que não se constringia em extrair os últimos traços de humanidade de crianças e adolescentes de trajetória similar a de Luiz, transformando-os, pela brutalidade das torturas, pelo jogo de violência (física, mental, sexual) que os incitava uns contra os outros, no produto mais aquilatado da *delinqüência*.

Mas será sua passagem pelos sistemas policial e carcerário, entre e após a frenética onda de crimes na qual já o jovem adulto Luiz estará envolvido, que se revelará a dimensão mais aterradora sobre o Estado penal brasileiro. É neste ponto também que o livro mais contribui à memória do sistema repressivo nos anos da ditadura militar, suprimindo uma importante lacuna no que se refere ao registro histórico do tratamento dispensado naquele momento a criminosos comuns.

Preso após se envolver na morte de um policial durante um roubo, o autor será então bárbara e sistematicamente torturado durante meses intermitentes nas obscuras masmorras policiais. Nestas páginas, Luiz nos conduz aos porões mais sombrios do aparelho jurídico penal, revelando os horrores de seu funcionamento, a rotinização e a intensificação da tortura (muitas vezes fatal), banalizada a ponto tal de dispensar sua famigerada instrumentalidade para extração de “verdade”. Luiz nos revela, ainda, o papel desempenhado pelo sistema de justiça como garantidor da barbárie, operando sem constrangimentos como peça fundamental de um modelo repressivo cunhado na violência, na ilegalidade e na exceção.

O retrato do sistema carcerário que Luiz nos apresenta a partir dos anos em que esteve recluso na Casa de Detenção e na Penitenciária do Estado, ainda na década de 70, é importante ainda por nos remeter a um contexto já distante dos cenários com os quais se passou a conviver após o advento do PCC (Primeiro Comando da Capital). As mortes incontáveis, a violência sexual generalizada, as guerras prolongadas que podiam ser acionadas por um olhar mal dirigido, um acerto mal resolvido ou qualquer disputa infame, e tudo isso também garantido ora pela omissão ora pela atuação perversa do Estado no interior das prisões, nos dá a dimensão de patamares de violência difusa e sem qualquer modo de *regulação*, que caracterizaram singularmente o sistema carcerário neste momento que antecede à redemocratização.

É neste contexto e neste momento de sua narrativa, quando a barbárie e a desesperança emergem como mais eloqüentes, que o autor desviará o rumo de sua trajetória pessoal, ainda que não de modo definitivo, mas em parte decisivo. O encontro com a literatura se dará num momento peculiar de isolamento e tortura a que esteve submetido no regime de cela-forte por mais de 6 meses, onde se é dado estabelecer, segundo ele próprio, uma “relação muito estreita com a morte”. Da leitura intensa e sistemática a centenas de títulos e autores do calibre de Dostoiévsky, Virginia



Wolf, Victor Hugo, Guy de Maupassant, Luiz refundará sua relação com o universo da prisão, relativizando a partir de então sua condição de encarcerado.

O segundo volume, *Às Cegas*, nos remete à incômoda constatação da incipiência e da incompletude de nossa experiência democrática. Iniciado justamente no período da redemocratização, Luiz descreve seu protagonismo junto a essa que foi a tentativa mais concreta de fazer valer as regras do direito no espaço da prisão: a política de humanização dos presídios no estado de São Paulo, entre os anos de 1982-86. A história de Luiz nestes anos acaba por se confundir com a própria história das iniciativas que compuseram tal política, seus sucessos, oposições e fracassos. Na sua busca incessante por uma janela para o mundo, neste momento viabilizada por medidas de incentivo à reinserção de presos, que possibilitariam, no seu caso, que iniciasse o curso de Direito na PUC, Luiz retoma o contato direto com um mundo até então a ele interdito, e intensamente desejado. As resistências, contudo, advindas do staff prisional e do sistema de justiça, somadas ao fascínio exercido pela liberdade fugaz que experimentava e pelas “luzes da cidade”, levariam-no a desviar-se dessa aposta individual, mergulhando-o uma vez mais na invencível trama *crime e prisão*.

É neste segundo volume, então, que ficará nítida a idéia de que a narrativa de Luiz não está referida de modo algum a um testemunho de redenção. As inflexões em sua trajetória, o retorno ao crime e novamente ao cárcere, acompanham uma vez mais as inflexões de um mundo social que o rodeia, e também guardam desconcertante correspondência com os fracassos das apostas políticas do período.

Se as escolhas e desvios deste narrador podem nos dizer algo, é, antes e sobretudo, sobre a capacidade humana muitas vezes esquecida de redesenhar percursos e assim de (re) escrever a própria história. Sua força vem justamente dessa constatação.

Alessandra Teixeira

Presidente da comissão do Sistema Prisional do IBCCRIM